

O HOMEM DAS BOTAS



Santarém, 5 de Dezembro de 1811.

Santarém está em festa porque acaba de reaver o maior tesouro que se guardava dentro das suas muralhas: — a Sagrada Partícula que foi objecto do Santo Milagre, o qual teve lugar há mais de 500 anos, e que era pertença desta vila. Os lisboetas não no-la queriam ceder, mas, graças ao lógro em que caíram, foi-nos finalmente restituída aquela preciosidade, que é nossa e bem nossa e que há oito meses reclamavamos nos fôsse entregue.

Antes, porém, de contarmos a graciosa farsa mediante a qual foi possível transferir o Santo Milagre de Lisboa para Santarém, recordemos como se deu êsse facto sobrenatural de que os Fastos escalabitanos tanto se orgulham.

*

Em 1226, quando reinava D. Sancho II, segundo uns, em 1247, a darmos crédito ao padre Inácio da Piedade e Vasconcelos, na *História de Santarém edificada*, em 1266, reinando já D. Afonso III, segundo a opinião mais comum, vivia, na rua das Esteiras, desta vila, uma mulher cujo marido a tratava cruelmente porque tinha amores com outra mulher.

A infeliz desposada, no intento de pôr termo à causa dos seus queixumes, foi consultar uma comadre que era judia e ainda por cima bruxa, para que desse remédio a seus males. E disse-lhe a bruxa:

— «Se queres recobrar o amor de teu marido, vai comungar e, sem que alguém veja, retira da bôca a hóstia que o padre te tiver dado e traze-ma embrulhada numa baetilha. Prometo-te que, se assim fizeres, teu marido voltará ao bom caminho.»

A mulher que isto ouviu, se bem acreditou, melhor o fez. Na manhã seguinte dirigiu-se à igreja de Santo Estêvão, que ficava próxima de sua casa, e procedeu conforme a judia lhe indicara.

Ao voltar da igreja, na travessa que faz frente para a rua depois chamada do Milagre, as pessoas que com ela se cruzavam perguntavam-lhe se ia ferida, porque da baetilha escorria sangue. Compreendeu a mulher que qualquer coisa de extraordinário se passava e, sem saber que responder, entre receosa e arrependida, correu a guardar a Sagrada Partícula que ela tinha sacrilegamente conspurcado. Arrecadou-a numa arca, no quarto de dormir.

À noite, voltou o marido para casa, cearam e deitaram-se. Quando estavam, porém, prestes a adormecer, viu êle o quarto inundado duma luz brilhante que vinha da arca, assim como de suavíssimo perfume que se espalhava por todo o aposento. Assombrado, interrogou a mulher, que, aflitíssima, lhe contou tudo. Não tiveram mais cuidados do que para rezar e, logo que rompeu o dia, dirigiram-se à igreja de Santo Estêvão a narrar o sucedido.

Os sacerdotes que lá se encontravam encaminharam-se imediatamente a casa dos dois pecadores e, acompanhados das pessoas mais gradas da terra e de muito povo, levaram processionalmente a miraculosa Partícula, envolta na baetilha, até a sua igreja, onde — a-pesar-da disputa que se levantou entre dominicos e menores, a igreja paroquial de Marvila e a Colegiada da Alcáçova, que todos queriam a honra de a ter à sua guarda — ela ficou depositada.

A baetilha foi doada ao Mosteiro dos Dominicanos. O que a história não diz é se as duas mulheres, a que aconselhou e a que cometeu o sacrilégio, foram castigadas.

*

Decorreram os séculos, honrando-se Santarém cada vez mais de ser a custódia do Santo Milagre, até que, no dia 3 de Outubro do ano passado, chegou aqui a notícia de que os malvados franceses tinham entrado em Coimbra no dia 1. Grande pânico na população, que, sabedora das atrocidades que os soldados de Napoleão cometiam por tôdas as terras por onde passavam, tratou de se pôr a salvo fugindo para os campos.

No dia 7, já pouca gente havia aqui na vila. Os franceses, que tinham cometido tôda a espécie de sacrilégios e barbaridades em Coimbra e nos lugares próximos, marchavam precipitadamente sôbre o Tejo. A Santarém aguardava-a sorte igual. A única solução era fugir. Mas o Santo Milagre? Haviam os santarenos de o abandonar?

O beneficiado da Colegiada de Santo Estêvão, reverendo Francisco de Paula Baptista, procura o Vigário Geral da vila, e resolvem que o precioso tesouro seja levado para lugar seguro. No dia 9, apparecem na Calçada do Monte as guardas avançadas do exército francês. O beneficiado corre à igreja, tira a relíquia de Santo Estêvão e as custódias, que disfarça numa trouxa de roupa, mete a Sagrada Partícula num sacco que pendura ao pescoço, e abala para o campo da Valada. Uma vez ali, pede que enterrem a roupa com os objectos do culto, no meio duma vinha, atravessa o rio, vai a Salvaterra, passa a Samora e daqui segue para Lisboa, onde chega a 21 do mesmo mês de Outubro.

Estava pôsto a salvo o Santo Milagre. Mas o Em.^{mo} Patriarca eleito, D. António de S. José e Castro, é que, sabendo Santarém invadida pelos franceses, fica cheio de cuidado pela sorte da miraculosa hóstia e trata de indagar, pelos santarenos refugiados na capital, onde ela se poderá encontrar. Informam-no de que era o reverendo beneficiado Baptista quem tinha a chave do sacrário e que fugira a caminho de Lisboa; manda-o procurar, até que o acham. Sua reverendíssima nega que tenha o Santo Milagre, que saiba do Santo Milagre. É preso a 9 de Novembro e

encerrado no Aljube. Não acreditam, porém, na sua ignorância; supõem-no dissimulado. Efectivamente, no dia seguinte, o desembargador da Cúria Patriarcal, dr. Manuel Pereira Cidade, vai tomar depoimento ao padre Baptista, e êle, confessando que tem a Sagrada Partícula consigo, mostra a bolsa dos corporais pendurada ao pescoço, por baixo da roupa.

Informado o Em.^{mo} Patriarca de que se encontrara o Santo Milagre, manda preparar uma carruagem forrada de damasco de sêda branca, e, já de noite, vai ao Aljube, abraça o beneficiado, toma conta do invólucro com a Partícula e seguem para a sua quinta de Marvila, na carruagem, ladeada de criados a pé, com brandões acesos.

Chegam cêrca da meia-noite; muitos sacerdotes e povo aguardam ansiosos o precioso depósito, que é levado para a capela, onde se cantou logo o *Tantum ergo*.

No dia 26 de Dezembro foi o Santo Milagre exposto pela primeira vez, depois de tantas vicissitudes, à adoração dos fiéis.

*

Passado o período das tropas de Massena forçarem as linhas de Tôrres, foi o nosso multiseccular tesouro transportado solenemente para a Sé, onde o expunham no altar-mor todos os primeiros domingos de cada mês. Ainda no domingo transacto, 1 do corrente, assim succedeu.

Mas, a 5 de Março, Massena, depois da sua gente ter cometido por aqui os roubos, desacatos e atrocidades que se sabem, abandonou Santarém e, acossado

pelas forças do exército anglo-luso, retirou para o norte, onde o marechal Wellesley lhe infligiu a derrota do Sabugal e o obrigou a atravessar a fronteira.

Libertos, portanto, daquêles malvados, quisemos logo que o Santo Milagre nos fôsse restituído. Os lisboetas é que não queriam consentir em tão legítima restituição! Era boa a vontade das autoridades civis e eclesiásticas, do Patriarcado e dos Governadores do Reino. Temia-se, porém, a revolta do povo, que proclamava haver de opor-se por todos os modos à saída do Santo Milagre.

Ora êle era nosso e Lisboa tinha que no-lo restituir quanto antes.

Cêrca de oito meses durou esta polémica, com troca de officios, conferências e outras tentativas infructíferas, até que as autoridades da capital tiveram uma idéia luminosa, simples como o ôvo de Colombo e cuja eficácia só podia falhar se fôsse cometida alguma indiscrição.

*

Na manhã de sábado, 30 de Novembro, appareceu, afixada pelas esquinas de Lisboa, a seguinte

NOTICIA AO PÚBLICO

Um official do exército britânico, tendo apostado 500 libras esterlinas que há-de passar a travessa do rio Tejo, na segunda-feira que vem, à uma hora depois do meio-dia, em um par de botas de cortiça, principiando o seu passeio pela Torre de Belém e daí à Torre Velha.

Estas botas são de uma construção admirável e curiosa: foram inventadas pelo mesmo oficial que faz o passeio.

Este anúncio despertou o maior interêsse e, no domingo passado, não se falava senão no «homem das botas» que, no dia seguinte, havia de atravessar o Tejo como se andasse sôbre a terra firme.

Por fortuna, o dia de segunda-feira estava ameno e aprazível, como convinha para se fazer tão extraordinária demonstração e para que milhares de espectadores afluíssem, de todos os pontos da cidade, às imediações de Belém, a-fim-de admirarem o passeio aquático do engenhoso e destemido oficial inglês.

Desde manhã cedo que os habitantes da capital e arredores se dirigiam, a pé ou utilizando os mais variados meios de transporte, para as praias circunvizinhas do local onde havia de realizar-se a grande prova. Ao meio-dia já não se podia romper, da Junqueira até Algés, e nos montes do Lazareto via-se igualmente muita gente que ali se ajuntara para presenciar o espectáculo. O rio também estava coalhado de embarcações.

Despovoara-se Lisboa.

À uma hora depois do meio-dia, o rapazio começou a gritar:

— «É agora! É agora!»

Todos os olhares se concentraram no areal junto à Torre de Belém. Momentos de ansiedade. Será aquêlle... não será... Passou a uma, passou a uma e meia, passaram as duas horas, e nada.

— «É agora! É agora!»

Todos estendiam o pescoço para ver melhor,

abriam muito os olhos para não perder nada; mas era rebate falso; o «homem das botas» não aparecia.

Três, três e meia, quatro horas... nada de oficial inglês com botas de cortiça! O publico impacientava-se, estava quasi a desesperar.

Caíu a tarde, veio a noite; os mais entusiasmados desanimavam, começaram a regressar a Lisboa. Foi a debandada sem que houvesse alguém que ao menos desse notícia do «homem das botas».

Afinal, quem era o homem das botas?

Onde estava o homem das botas?

À noite, principiou a correr, nas imediações da Sé, que a Sagrada Partícula do Santo Milagre fôra levada para bordo duma falua que a transportava a caminho de Santarém. O Senhor Patriarca acompanhava-a até o Sabugueiro.

No dia seguinte, tôda Lisboa reconheceu o lôgro em que tinha caído; fôra atraída para as bandas da barra, a-fim-de não poder impedir que o Santo Milagre voltasse para a nossa terra que lhe quiere tanto, que por êle há tanto tempo suspirava, e a quem era de todo o direito ser restituído.

O expediente fêz rir alguns, exasperou muitos, e constituiu uma *partida* que nem para o Entrudo se podia inventar melhor.